

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E
GESTÃO EDUCACIONAL – MESTRADO PROFISSIONAL

Camila Rodrigues da Silva

**PRODUTO DE PESQUISA DE DISSERTAÇÃO: UM PROGRAMA DE WEB RÁDIO
ESCOLAR COMO INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Santa Maria, RS
2024

A Criação do produto

O desejo de criação deste material nasceu primeiramente das vivências profissionais, dúvidas, incertezas e desamparos sentidos pela autora durante sua prática docente. O desenvolvimento dele se dará *à posteriori*, pois acreditamos que as necessidades e opiniões trazidas pela equipe diretiva e educadoras especiais foram/serão fundamentais para a sua criação e execução.

Nóvoa (1992) colabora com a ideia de que a atualização e a produção de novas práticas de ensino só surgem de uma reflexão partilhada entre os colegas. Esse movimento, para o autor supracitado, tem lugar na escola e nasce da necessidade de diálogo, buscando qualificar o trabalho da Educação Especial na instituição, trazendo informação e proporcionando espaço de protagonismo aos alunos.

É importante salientar que, na escola (contexto deste estudo), já existe o movimento de criação da web rádio. Inclusive participamos de reuniões, juntamente com alguns alunos e demais professores, nas quais foram decididas, dentre outras ações, a representação visual e algumas pautas de publicações nas redes sociais.

Atualmente, a web rádio escolar possui uma página no Instagram, que pode ser acessada através do link: https://www.instagram.com/webradio_ednamay/?utm_source=qr&igsh=MWQwM3M4ZTBnaWc3bw%3D%3D. Na página da web rádio são divulgados eventos, projetos e avisos, inclusive assuntos da Educação Especial na semana da pessoa com deficiência, conforme as figuras 4 e 5. Além dessas ações, alguns alunos são responsáveis por colocar música no recreio.

Figura 4- Postagem feita na página do Instagram da web rádio



Fonte: Setor da Educação Especial da escola, 2024

Figura 5 - Postagem feita na página do Instagram da web rádio



Fonte: Setor da Educação Especial da escola, 2024

A essas publicações, realizadas na página da rádio, seguiram legendas explicando algumas questões da Cegueira e da Surdez, tendo sido idealizadas pelas três educadoras especiais da escola. Essa foi uma ação dentre as várias realizadas na Semana Nacional da Pessoa com Deficiência, no período de 21 a 28 de agosto.

A partir desta dissertação, nossa intenção é ampliar as ações e implementar um programa específico para divulgar a Educação Especial na escola e comunidade, acreditando que seja uma ferramenta de comunicação e articulação importante no contexto em que a escola está inserida. Para iniciar a discussão, achamos pertinente trazer o conceito de Educomunicação, que, segundo Soares (2011),

é essencialmente práxis social, originando um paradigma orientador da gestão de ações em sociedade. Não pode ser reduzida a um capítulo da didática, confundida com a mera aplicação das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) no ensino. Nem mesmo ser identificada com alguma das áreas de atuação do próprio campo, como a “educação para e com a comunicação” (media e educação). Tem lógica própria, daí sua condição de campo de intervenção social. No caso, a universidade – com suas pesquisas e sua docência – tem muito a identificar e a desvendar (Soares, 2011, p. 13-14).

O programa de web rádio escolar como ferramenta de intervenção pedagógica busca, dentre outros propósitos, dar voz aos estudantes: “é eles falarem sobre si, como eles se sentem na escola e vocês, a partir, começam... a fala é deles, o espaço é pra eles” (Orientadora). Concordamos com Pavão et al. (2019) que

A necessidade de reconhecer o lugar de fala que cada um ocupa pode garantir que o discurso proferido ganhe maior ou menor potência. As comunidades ou públicos que estão no cerne dessa discussão, passam a ter direito a voz, quando, ao reconhecer e ocupar seu lugar de fala, também fazem escolhas das concepções que dão sentido na sua vida. A representatividade e visibilização de tais sujeitos e comunidades são essenciais para os processos de desenvolvimento das sociedades (Pavão et al, 2019, p.178).

Proporcionar esse lugar de fala, trazendo os alunos de inclusão como protagonistas, também está em consonância com as palavras ditas pela educadora especial: “eu pensei principalmente no aluno cego né, que o canal de comunicação

dele é a voz né, é a fala né, é o auditivo e ele tem esse sonho né de ser radialista [...]” (Educadora Especial A). E também na fala do diretor

A gente tem uma demanda que é um aluno cego e a gente tem muitos estudantes cegos que têm um ótimo destaque em Santa Maria e que podem abrir caminhos para esses estudantes. São entrevistas legais a gente fazer, assim como outros estudantes autistas que passaram pela escola, ex-alunos [...]

Na fala do diretor, temos um ponto muito relevante, que é a identificação. Trazer pessoas adultas, com suas carreiras profissionais e acadêmicas, para participar do programa, mostra aos alunos as inúmeras possibilidades que eles poderão ter em suas trajetórias. Reforça que eles podem ocupar tais espaços e, se for das suas vontades, seguir tais caminhos.

Sabemos que os alunos com deficiência, durante toda a sua vida escolar, carregam estigmas e rótulos, sendo reconhecidos pelas suas faltas, por aquilo que eles não fazem, não aprenderam. Contudo, caminhar numa escola inclusiva é compreender a inclusão no campo do conhecimento, proporcionando novas práticas de interação, socialização e aprendizagem, reconhecendo o caráter coletivo e democrático imanente aos processos educativos, para que eles atinjam a plenitude, com coparticipação e estimulação do conhecimento (Pavão et al, 2018).

Além da fala dos alunos, a relação das famílias também apareceu no programa. Compreendemos isso como uma primorosa contribuição, já que suas vivências podem servir de possibilidade de apoio para outras que se encontram passando pelas mesmas dificuldades:

[...] a participação dos pais para falar das suas lutas, das suas camadas de sofrimento, de como eles conduzem também a educação dessas crianças na casa, a inclusão delas na família, que não é só a família da unidade pai e mãe, na família mais ampla (Orientadora).

Questão de desenvolvimento da autonomia, trabalhar a questão da autonomia dessas crianças, com informações que pudessem auxiliar eles e as famílias né, que na verdade entra a família também porque criança que é superprotegida não se desenvolvem né, e a gente tem crianças aqui que poderia se desenvolver bem mais (Educadora Especial B).

A função da Educomunicação, de acordo Soares (2011), é qualificar as relações comunicacionais entre pessoas e grupos humanos, a partir do grau de interação que ela for capaz de produzir, trazendo conceitos como democracia,

dialogicidade, expressão comunicativa e gestão compartilhada dos recursos da informação. Assim, um dos objetivos do programa é estabelecer esses vínculos com a comunidade escolar, produzindo informações e diálogos.

A dificuldade de comunicação é referida pelo diretor, que entende o programa como agente transformador na Educomunicação:

[...] se a gente apontou ali que a gente tem dificuldade na informação, às vezes, poder circular, poder chegar ao educador, poder chegar no estudante, tem uma estratégia com a web rádio, é fundamental, né? E para poder se comunicar com a comunidade também, a gente tem essa dificuldade de comunicação em diferentes plataformas (Diretor).

Outro tema trazido pelos entrevistados como interessante para expor no programa foi o trabalho da Educação Especial, em relação às práticas do AEE, ao espaço da sala de recurso, ao público-alvo. Sobre isso, trazemos algumas dessas falas:

O que é a Educação Especial mesmo, dizer para os alunos o que é ser educador especial, porque que vocês estão ali, como é que os alunos podem contribuir com os alunos de inclusão para que tenham uma maior inclusão deles na escola, acho que seria por aí (Supervisora).

A questão do reconhecimento de como funciona por exemplo a sala de recursos que muitos não conhecem tem curiosidade, o que que tem na sala de recursos muitos querem saber né [...] A questão que muitos têm curiosidade, por exemplo o que que é libras [...] o que que é o braille do L né. Por que que tem esses pontinhos né, o que que é aquela máquina que ele usa que às vezes eles enxergam aqui né, até às vezes os outros alunos ou os que entram aqui né passam ali né. O que que é aquela máquina, então esse tipo de coisa né. Eu acho que que é interessante, assim sobre o nosso trabalho também, sobre o que que é o autismo, deficiências, pensando em ensino médio também que a gente tem né é bem importante assim né, a questão das altas habilidades, que a gente poderia trabalhar mais, que não é muito trabalhado nas escolas né, do público alvo da Educação Especial né (Educadora Especial A).

Em relação às informações técnicas, todos os entrevistados citaram, como ideia de convidados, psicólogos, professores, terapeutas ocupacionais, psiquiatras, fonoaudiólogos, dentre outros. Faremos o possível para estabelecer essa relação da escola com os setores da saúde e da assistência social, pois certamente tais profissionais enriquecerão as reflexões sobre os assuntos que serão trazidos.

A escola tem uma parceria com o PETCom, que é um Programa de Educação Tutorial vinculado ao curso de Comunicação Social, da UFSM, e segundo

o diretor, essa parceria pode auxiliar a rádio escola e, consequentemente, o nosso programa.

Até amanhã, inclusive, a gente tá aproximando o PETCom, né? Então eles estão, nesse momento, com a demanda do G20. Mas a ideia é, olhando que o ano que vem nós teremos o primeiro ano de **tempo integral**, então, está articulado aí que o PETCom continuará conosco o ano que vem. Então, a gente consegue ter um suporte também para algumas dificuldades que a gente tem de edição, de formatação, de plataforma e tal, então, eu acho que é legal o trabalho, essa é a proposta para dentro da rádio (Diretor, grifo nosso)

Pegando o gancho da fala do diretor que destacamos, com a nova experiência do primeiro ano do Ensino Médio com o turno integral, acreditamos que a temática da Educomunicação possa ser levada para diálogo, juntamente da direção da escola e comunidade escolar, servindo de possibilidade de apoio para os eixos norteadores. Soares (2011, p. 41) afirma que

Ao convidar o Ensino Médio a ser revisto a partir dos paradigmas da educomunicação, estamos, na verdade, convidando a educação formal a assimilar, em seu benefício, uma experiência que nasceu fora de suas paredes, no espaço das relações não formais de produção e difusão de sentidos, no contexto dos embates da luta social por novos e mais franqueados espaços de comunicação e de expressão.

Em relação ao formato e frequência do programa, várias ideias foram expostas. Traremos alguns trechos e, na sequência, desenharemos o que achamos possível de ser colocado em prática:

Eu acho assim ó, não sei se é essa a função da rádio escola, mas no recreio, duas vezes por semana, divulgar as coisas, eu acho que era assim, divulgar o que que tá acontecendo, como é que pode ser feito, coisas novas na escola, não é só tocar música na hora do recreio (Supervisora).

É que na realidade eu não tenho noção do formato do programa, mas se tem pessoal, se tem estrutura física, se tem estrutura de pessoal para funcionar, poderia ser até diário né, uma interação diária, abrir essa interação, porque como é uma web rádio né, vai ter essa interação, as pessoas vão poder se comunicar né a partir dali também né, dar as suas opiniões, poder deixar os alunos também colocarem ali o que que eles pensam, a escrita deles eu acho bem importante (Educadora Especial B).

Eu acho que a ideia de a gente construir alguns lembretes, né? Algumas coisas são instantâneas, que eu acho que quando nós tínhamos a rádio comunitária. A gente tentou montar ali uma estratégia nova, dentro da plataforma de streaming, e aí tem os programetes ali, que poderia, durante uma programação, ou durante algum tempo, ter algumas inserções ali, que lembrassem algumas questões, que eu acho que poderia ser uma

estratégia, em alguns outros vídeos, ou mesmo no grupo do WhatsApp, de preparar um áudio bem curtinho, né? Que faz menção a... Nós estamos aqui. Nos visite. Tal dia, né? Então, pode ter estratégias que vão mantendo, né? Vão aquecendo a lembrança, aquecendo o coração das pessoas e tal, vão lembrando. E hoje em dia é tudo muito instantâneo né (Diretor).

Diante de todas as sugestões trazidas nas entrevistas, e localizando-as no que realmente temos como possibilidade concreta, o programa de web rádio escolar se chamará “Hablaee” e apresentará cinco episódios gravados, com a frequência quinzenal, na página do Instagram. A escolha do nome se deu pelo desejo de comunicação com os jovens, usando a palavra da habla, da Língua Espanhola, que virou gíria na internet, e também pelo trocadilho com o AEE, parecido com “fala aí”.

Cada um dos cinco episódios buscará o protagonismo dos alunos e abordará subtemáticas relacionadas ao grande tema da Educação Especial, transversalizando-as com reflexões abordadas neste estudo, aliadas ao cunho técnico dos profissionais convidados. A representação visual (logo) do programa caminha na mesma linha de identidade visual já estabelecida para a web rádio, sendo apresentada na Figura 6.

Figura 6 - Representação visual do programa



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

O primeiro episódio será chamado de “Educação Especial: entre legislações e ações”. Abordará, além das legislações, atribuições e exemplos de práticas inclusivas de dentro e de fora da nossa escola. Além disso, tentaremos a

participação de alguma professora do Curso de Educação Especial da UFSM para contribuir com a discussão.

O segundo episódio terá como título “A pessoa com cegueira, identificação e boas práticas”, no qual entraremos em contato com a Associação de Cegos de Santa Maria. Abordaremos as políticas destinadas a esses sujeitos, a escrita Braille e apresentaremos alguns relatos de profissionais e/ou estudantes cegos aqui da cidade.

O terceiro episódio será intitulado “Transtorno do Espectro Autista e a Ecoalfabetização: caminhos possíveis”. Esse programa, além de explorar o uso da horta escolar como possibilidade de aprendizagens, ouvirá famílias e uma profissional que estuda o TEA, trazendo suas contribuições.

O quarto episódio terá como título “A deficiência intelectual e as redes de apoio em saúde pública”. Trará como pauta de discussão o acesso das famílias aos serviços públicos da cidade, incluindo o caminho para o recebimento do laudo médico e as terapias necessárias para o desenvolvimento dos alunos.

O quinto e último episódio, no programa da web rádio escolar, será intitulado “Deficiência Física e acessibilidade: entre as leis e os espaços”. Nele será abordado, além dos conceitos de acessibilidade, as vivências dos alunos/sujeitos que dependem delas. A duração deste e dos demais episódios ainda não é possível mensurar, contudo nossa ideia é que seja um tempo razoável, para que não se torne cansativo.

A criação deste programa como intervenção pedagógica da Educação Especial é oriunda de um processo diligente de pesquisa, com escuta e respeito pelas descrições dos entrevistados. Estamos certos de que ele proporcionará uma experiência transformadora, agregando reflexões, diálogos, inspirando novas práticas inclusivas e proporcionando lugar de fala.

Considerações finais

Refletindo sobre o caminho percorrido no Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Escolar, a certeza é de que não podemos finalizar. Principalmente por duas razões: a primeira é que o produto “ganhará vida” a posteriori, e a segunda é que ainda temos muito o que considerar acerca do que foi analisado.

A organização da Educação Especial, perpassando pela implementação de políticas educacionais, pelas práticas inclusivas e pelo contexto escolar é uma temática cara para nós. Estudá-la nestes dois anos e meio foi demasiado gratificante e intenso, desde as disciplinas, até este momento de amarração de todas as pontas que surgiram.

Obviamente, muitos desafios se colocaram, dificuldades de encontrar tempo, desgastes profissionais que, mesmo tentando a todo instante ter aquele olhar de pesquisador, misturaram-se com as nossas próprias angústias profissionais. Mas, em tempos de inteligência artificial, o que seria de um pesquisador que não se afeta?

Principalmente no nosso caso, em que estamos intrinsecamente afetados pelos convívios profissionais das nossas escolas, dos nossos colegas, alunos e suas famílias. Mantivemos o rigor, os passos e critérios metodológicos; todavia, nossa produção é fruto desse misto da frieza da técnica com o calor dos espaços de convivência.

Nesse amálgama de sensações e percepções, ouvimos os entrevistados com suas concepções acerca da gestão escolar, da Educação Especial e das políticas de inclusão, aliando seus conhecimentos profissionais às suas experiências e interpretações, olhando pelo ângulo da singularidade. Coletar e analisar essas falas foi desafiador. Certamente se nós nos debruçássemos sobre elas em outra oportunidade, muitas outras leituras seriam realizadas, vieses diversos apareceriam.

Isso porque a análise também diz sobre o que nós, enquanto pesquisadores, somos hoje, de acordo com as nossas leituras, nossas andanças. Nunca um texto é lido com a mesma interpretação, ele depende de quem nós somos naquele momento. Nosso contexto de pesquisa foi uma escola estadual do Rio Grande do Sul, palco de sucateamento por parte dos governantes, de legislações que não convergem, criando suas próprias estratégias para contemplar a diversidade de alunos. Aliado a isso, um corpo docente desvalorizado, que se reinventa diariamente para solucionar problemas que há décadas se perpetuam nos cenários escolares.

Com esta contextualização, nós compreendemos a dificuldade do trabalho docente nesse sistema. Contudo, seguimos desejosos pela construção de ambientes educacionais inclusivos, com a implementação de práticas pedagógicas diferenciadas e disponibilização de recursos, favorecendo as aprendizagens dos

alunos de inclusão. Ou seja, por uma gestão escolar que garanta a capacitação contínua dos profissionais de ensino e as adaptações dos espaços e materiais pedagógicos, fomentando a cultura do respeito, do acolhimento e da valorização da diversidade, promovendo sucesso acadêmico dos alunos com deficiência.

A gestão escolar inclusiva contribui para a formação de uma sociedade mais igualitária e acessível a todos, mas ela depende, em grande parte, de investimentos e políticas públicas que saiam das letras da lei e cheguem à vida dos estudantes. A construção do nosso produto, o programa Hablaee, contará com sugestões trazidas pela equipe diretiva e educadoras especiais. Uma das bases do programa será o protagonismo dos alunos de inclusão; não serão conversas sobre eles, mas com eles.

Cada aluno contribuirá da maneira que conseguir, respeitando suas singularidades, auxiliando suas aprendizagens. Os atendimentos no AEE servirão de base para aquisição de noções importantes no desenvolvimento do programa, criando um ambiente que proporcione confiança e autoestima.

As famílias terão a oportunidade de expor, de maneira livre e espontânea, tudo o que julgarem necessário e pertinente, podendo compartilhar suas experiências, preocupações e sugestões. No entanto, respeitamos plenamente o direito de cada família de não se sentir obrigada a fazer qualquer tipo de exposição, caso prefira manter suas questões privadas ou não deseje participar ativamente desse momento.

Nosso objetivo é criar um ambiente acolhedor e aberto, no qual todos se sintam à vontade para contribuir, mas também seguros para optar por não se envolver de maneira mais direta, caso assim preferirem. Acreditamos que proporcionar esse espaço para o diálogo e para a troca de reflexões seja fundamental para fortalecer a parceria entre escola e família.

Durante o desenvolvimento dos cinco episódios, buscaremos promover um processo de construção coletiva, em que as vozes dos familiares possam ser ouvidas e consideradas, de forma respeitosa e construtiva, enriquecendo a experiência de todos e favorecendo a reflexão conjunta dos subtemas desenvolvidos.

Por fim, concordamos com Paro (2008) quando ele diz que a escola precisa buscar o coletivo, sem a gerência capitalista, em decorrência do trabalho de cooperação de todos os envolvidos no processo escolar, alcançando seus objetivos

verdadeiramente educacionais. Cooperar, dialogar e reinventar foram o alicerce do nosso estudo e continuarão no desenvolvimento do produto como intervenção pedagógica.

Referências

NÓVOA, António, coord. **"Os professores e a sua formação"**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33.

PARO, Vitor Henrique. Estrutura da escola e educação como prática democrática. In: CORREA, Bianca C.; GARCIA, Teise O. (Org.). **Políticas educacionais e organização do trabalho na escola**. São Paulo: Xamã, 2008.

PAVÃO, Ana Cláudia Oliveira; PAVÃO, Sílvia Maria de Oliveira (Org). **Os casos excluídos da política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva** .2. ed. Santa Maria: Facos UFSM, 2019.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação - o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011. Disponível em: https://statics-americanas.b2w.io/produtos/7415522/documentos/7415522_1.pdf. Acesso em: 15 nov. 2024.

NUP: 23081.006267/2025-10

Prioridade: Normal

Ato de entrega de dissertação/tese

134.334 - Dissertação e tese

COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
3	Produto de pesquisa de dissertação/tese (134.334)	Produto.pdf

Assinaturas

20/01/2025 17:59:51

CAMILA RODRIGUES DA SILVA (Aluno de Pós-Graduação - Aluno Regular)
05.10.20.02.0.0 - PG em Políticas Públicas e Gestão Educacional - Mestrado Profissional - 42002010159F0

30/01/2025 11:10:23

MARIA ELIZA ROSA GAMA (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR (Ativo))
05.21.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR - DADE

1960

Código Verificador: 5193760

Código CRC: fd4c8a6

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>

